

# ESPECIFISMO

## A PRÁXIS ANARQUISTA DE CONSTRUIR MOVIMENTOS POPULARES E ORGANIZAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS NA AMÉRICA DO SUL

**Adam Weaver**

Ao redor do mundo, o envolvimento anarquista nos movimentos populares, assim como o desenvolvimento de organizações especificamente anarquistas, está em crescimento. Isso está ajudando o anarquismo a retomar sua legitimidade como uma força política dinâmica dentro dos movimentos e, neste sentido, o especificismo – um conceito originado a partir de quase cinquenta anos de experiências anarquistas na América do Sul – está ganhando influência no mundo todo. Apesar de muitos anarquistas estarem familiarizados com várias das idéias especificistas, devemos considerá-las contribuições originais à prática e ao pensamento anarquistas.

A primeira organização a promover o conceito do especificismo – que se tornou mais uma prática do que uma ideologia definida – foi a Federação Anarquista Uruguiaia (FAU), fundada em 1956 por militantes que abraçaram a idéia de criar uma organização especificamente anarquista. Sobrevivendo à ditadura no Uruguai, a FAU reapareceu em meados dos anos 1980, para estabelecer contato e influenciar outros anarquistas revolucionários sul-americanos. O trabalho da FAU influenciou e ajudou na fundação da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), da Federação Anarquista Cabocla (FACA), da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ), em suas respectivas regiões no Brasil, e da AUCA (Rebelde), na Argentina.

Ainda que os conceitos-chave do especificismo sejam explicados em profundidade mais a frente neste artigo, eles podem ser resumidos em três pontos sucintos:

1. A necessidade de uma organização especificamente anarquista construída em torno de uma unidade de teoria e práxis.
2. A utilização da organização especificamente anarquista para teorizar e desenvolver trabalho estratégico político e organizacional.
3. A participação ativa nos movimentos sociais populares e autônomos existentes e na construção de novos, o que é chamado de “inserção social”.

### UMA CURTA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Apesar de só aparecerem no anarquismo latino-americano nas últimas décadas, as idéias inerentes ao especificismo relacionam-se com uma corrente histórica internacional do movimento anarquista. A mais famosa é a corrente plataformista, que teve início com a publicação da “Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários”. Esse documento foi escrito em 1926 por Nestor Makhno, antigo líder de um exército camponês, Ida Mett e outros militantes do grupo Dielo Truda (Causa Operária), que publicava uma revista de mesmo nome [Skirda 192-213]. Exilado da Revolução Russa, o grupo Dielo Truda, sediado em Paris, criticou o movimento anarquista por sua falta de organização, que havia impedido uma resposta coordenada às maquinacões bolcheviques que objetivavam transformar os soviets

dos trabalhadores em instrumentos do governo de partido único. A alternativa por eles proposta foi a “União Geral de Anarquistas” baseada no comunismo anarquista, que buscava trabalhar com “unidade teórica e tática” e daria ênfase à luta de classes e aos sindicatos de trabalhadores.

Outras idéias similares incluem o “dualismo organizacional” que é mencionado em documentos históricos do movimento anarquista italiano dos anos 1920. Os anarquistas italianos utilizaram esse termo para descrever o envolvimento dos anarquistas tanto na organização política anarquista, quanto no movimento de trabalhadores [FdCA]. Na Espanha, o grupo Amigos de Durruti surgiu para se opor ao gradual regresso da Revolução Espanha de 1936 [Guillamon]. Em “Rumo a uma Nova Revolução”, eles apresentaram algumas idéias da Plataforma, criticando o reformismo gradual e a colaboração da CNT-FAI com o governo republicano, o que, segundo seus argumentos, contribuiu para a derrota das forças antifascistas e revolucionárias. Organizações com influência no movimento anarquista chinês da década de 1910, tais como a Wuzhengfu-Gongchan Zhuyi Tongshi Che (Sociedade dos Companheiros Comunistas Anarquistas), pregavam idéias similares [Krebs]. Apesar de todas essas diferentes correntes terem características específicas, que se desenvolveram a partir dos movimentos e dos países que se originaram, todas elas compartilham uma linha comum que cruza movimentos, eras e continentes.

## **ESPECIFISMO ELABORADO**

Os especificistas apresentam três pontos principais para sua política, com dois deles sendo em relação ao nível de organização. Ao colocar a necessidade de uma organização especificamente anarquista construída com certa unidade de idéias e práxis, os especificistas opõem-se, inerentemente, à idéia de uma organização de síntese dos revolucionários ou das múltiplas correntes dos anarquistas vagamente unidos. Eles caracterizam essa forma de organização como uma

“busca exacerbada da união necessária dos anarquistas, a ponto de a união ser promovida a qualquer custo, pelo medo de expor posições, idéias e propostas que às vezes são irreconciliáveis. Os resultados deste tipo de união são coletivos libertários sem muito mais em comum além do fato de se considerarem anarquistas.” [En La Calle].

Enquanto essas críticas eram elaboradas pelos especificistas sul-americanos, os anarquistas norte-americanos também descreveram suas experiências de organizações de síntese como organizações sem qualquer coerência por razão das tendências políticas múltiplas e contraditórias. Geralmente, o acordo básico do grupo é reduzido a uma vaga política definida pelo mínimo denominador comum, e que deixa pouco espaço para a ação coletiva ou a discussão política aprofundada entre companheiros.

Sem uma estratégia que surja de um acordo político mútuo, organizações revolucionárias estão condenadas a ser uma reação contra as contínuas manifestações de opressão e injustiça e um ciclo de ações infrutíferas a serem realizadas repetidas vezes, com pouca análise ou entendimento de suas conseqüências [Featherstone et al]. Além disso, os especificistas criticam essas tendências por serem guiadas pela espontaneidade e pelo individualismo, e por não desenvolverem um trabalho sério e sistemático, que é necessário para a construção de

movimentos revolucionários. Os revolucionários latino-americanos sustentam que as organizações que não têm um programa,

“e que rejeitam qualquer disciplina entre os militantes, que recusam a ‘se definir’, a ‘se encaixar’, [...] são descendentes diretas do liberalismo burguês, que reage apenas a aos fortes estímulos, juntando-se à luta apenas nos seus momentos de intensidade, e negando-se a trabalhar continuamente, especialmente nos momentos de relativa calma entre as lutas.” [En La Calle]

Uma ênfase especial da práxis especificista é o papel da organização anarquista, formada nas bases da política compartilhada, como um espaço de desenvolvimento de uma estratégia comum e de uma reflexão sobre o trabalho organizado do grupo. Sustentado pela responsabilidade coletiva em relação aos planos e trabalhos da organização, uma confiança entre os membros e grupos é criada de forma a permitir uma discussão profunda e de alto nível de suas ações. Isso permite que a organização crie análises coletivas, desenvolva objetivos imediatos, de longo prazo, reflita sobre seu trabalho e modifique-o, baseada nas lições aprendidas e nas circunstâncias.

Dessas práticas e com base em seus princípios ideológicos, as organizações revolucionárias devem procurar criar um programa que defina seus objetivos de curto e médio prazo, além de trabalhar rumo a seus objetivos de longo-prazo.

“O programa deve vir de uma análise rigorosa da sociedade e da correlação de forças que é parte dela. Deve ter como base a experiência da luta dos oprimidos e suas aspirações, e a partir destes elementos, deve estabelecer os objetivos e as tarefas a serem realizadas pela organização revolucionária com o objetivo de obter êxito não apenas em seu objetivo final, mas também nos intermediários.” [En La Calle].

O último ponto, mas um que é chave dentro da prática do especificismo, é a idéia da “inserção social”. [1] Ela origina-se na crença de que os oprimidos são a camada mais revolucionária da sociedade, e que a semente da futura transformação revolucionária da sociedade já está nessas classes e grupos sociais. A inserção social significa o envolvimento anarquista nas lutas diárias dos oprimidos e das classes trabalhadoras. Não significa atuar nas campanhas de defesa de uma só questão – que são baseadas na participação já esperada dos tradicionais ativistas políticos –, mas dentro dos movimentos do povo em luta pela melhoria de sua própria condição, que se une nem sempre com base nas necessidades exclusivamente materiais, mas também pelas necessidades sociais e históricas de resistir os ataques do Estado e do capitalismo. Isso inclui os movimentos de trabalhadores de base, movimentos de comunidades de imigrantes que reivindicam sua legalização, organizações de bairro que resistem à brutalidade e à matança da polícia, estudantes da classe trabalhadora que lutam contra os cortes de verba na educação pública, e os pobres e desempregados que se opõem aos despejos e aos cortes nos serviços públicos.

Por meio de suas lutas diárias, os oprimidos transformam-se em uma força consciente. A classe em si, ou melhor, as classes em si (definidas para além da visão reducionista de classe do proletariado industrial e urbano, e incluindo todos os grupos oprimidos que têm um interesse material na nova sociedade) são ajustadas, testadas e recriadas por meio dessas lutas diárias baseadas em necessidades imediatas, transformando-se em classes para si. Ou seja, elas transformam-se de grupos e classes sociais que existem objetivamente pelas relações sociais, para forças sociais. Unidas por métodos orgânicos, e muitas vezes por sua própria

coesão auto-organizacional, elas tornam-se atores conscientes de seu poder, de sua voz e de sua nêmesis intrínseca: as elites governantes que mantêm o controle sobre as estruturas de poder da ordem social vigente.

Exemplos da inserção social citados pela FAG são: seu trabalho com comitês comunitários em favelas e bairros urbanos (chamados de Comitês de Resistência Popular), a construção de alianças com membros da base do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o trabalho com os catadores de materiais recicláveis. Devido ao alto nível de empregos temporários e eventuais, subemprego e desemprego no Brasil, parte significativa da classe trabalhadora não sobrevive do trabalho assalariado, mas de trabalho de subsistência e da economia informal, como é o caso dos pedreiros temporários, camelôs ou catadores de lixo e de materiais recicláveis. Com anos de trabalho, a FAG construiu uma forte relação com os catadores urbanos e seus membros os ajudaram na formação de sua própria organização nacional, que está trabalhando para mobilizar os catadores em torno de seus interesses em nível nacional e para levantar dinheiro para a construção de sua própria operação de reciclagem coletiva.[2]

A concepção do especificismo sobre a relação das idéias com os movimentos populares é que elas não devem ser impostas por líderes, por uma “linha de massas” ou por intelectuais. Os militantes anarquistas não devem tentar fazer com que os movimentos assumam uma posição “anarquista”, mas trabalhar para manter seu ímpeto anarquista; isso é, sua tendência natural à auto-organização e à luta militante por seus próprios interesses. Isso assume a perspectiva de que os movimentos sociais chegarão à sua própria lógica de criar a revolução, não quando todos necessariamente chegarem ao ponto de se auto-identificarem como “anarquistas”, mas quando todos (ou pelo menos a grande maioria) atingirem a consciência de seu próprio poder e exercerem esse poder em suas vidas cotidianas, de certa maneira adotando conscientemente as idéias do anarquismo. Um papel adicional dos militantes anarquistas dentro dos movimentos sociais, de acordo com os especificistas, é dirigir-se às múltiplas correntes políticas que existem dentro dos movimentos e combater ativamente os elementos oportunistas do vanguardismo e da política eleitoral.

## **O ESPECIFISMO NO CONTEXTO DO ANARQUISMO NORTE-AMERICANO E OCIDENTAL**

Dentro das correntes atuais do anarquismo organizado e revolucionário norte-americano e ocidental, numerosos indicadores apontam para a influência e a inspiração da Plataforma, tendo ela o maior impacto no recente despertar de organizações do anarquismo classista ao redor do mundo. Muitos vêem a Plataforma como um documento histórico que responde às falhas organizacionais do anarquismo que atuou nos movimentos revolucionários globais do século passado, e reivindicam atuar dentro da “tradição plataformista”. Assim sendo, as correntes do especificismo e do plataformismo merecem comparação e contraste.

Os autores da Plataforma eram participantes veteranos da Revolução Russa. Eles ajudaram a liderar uma guerrilha camponesa contra exércitos da Europa Ocidental e mais tarde contra os bolcheviques na Ucrânia, onde o povo tinha uma história independente do Império Russo. Desta forma, os autores da Plataforma com certeza falavam com fartura de experiência e para o contexto histórico de uma das lutas fundamentais de sua época. Mas o documento teve pouco progresso em suas propostas de união dos anarquistas defensores da luta de classes, e silenciou-se notadamente na análise e na compreensão de numerosas questões-chave que os

revolucionários enfrentaram naqueles tempos, como a opressão das mulheres e o colonialismo.

Embora organizações de orientação anarco-comunista invoquem hoje a influência da Plataforma, considerando o passado, ela pode ser vista como uma declaração intensa que emergiu do pântano em que se encontrava grande parte do anarquismo depois da Revolução Russa. Como um projeto histórico, as idéias básicas e as propostas da Plataforma foram amplamente rejeitadas pelas tendências individualistas do movimento anarquista; foram mal-entendidas por barreiras de idioma, como reivindicam alguns [Skirda, 186]; e nunca conseguiram o apoio de militantes ou organizações para uma união em seu entorno. Em 1927, o grupo Dielo Truda sediou uma pequena conferência internacional na França para pessoas interessadas, mas ela foi rapidamente interrompida pelas autoridades.

Em comparação, a práxis do especificismo é uma prática viva e desenvolvida e, sem dúvida, uma teoria muito mais relevante e contemporânea, surgindo a partir de cinquenta anos de organização anarquista. Surgidas no cone sul da América Latina, mas com sua influência que se espalha por toda parte, as idéias do especificismo não se originaram de um chamado ou de um documento único, mas foram criadas organicamente a partir dos movimentos do sul global, que estão liderando a luta contra o capitalismo internacional e dando exemplos para os movimentos do mundo todo. Em relação à organização, os especificistas reivindicam uma base para a organização anarquista muito mais profunda do que a “unidade teórica e tática” da Plataforma; reivindicam um programa estratégico baseado na análise que guia as ações dos revolucionários. Eles nos dão um exemplo vivo de organizações revolucionárias baseadas na necessidade de análises comuns, de teoria compartilhada e de raízes firmes nos movimentos sociais.

Eu acredito que há muito em que se inspirar na tradição especificista, não apenas em escala global, mas particularmente para os anarquistas classistas da América do Norte e para os revolucionários multiraciais dos E.U.A.. Enquanto algumas interpretações da Plataforma podem facilmente apontar para um papel dos anarquistas reduzido e centrado nos sindicatos de trabalhadores, o especificismo nos dá um exemplo vivo para o qual podemos olhar e que nos fala de maneira mais significativa em relação ao nosso trabalho de construção de um movimento revolucionário hoje. Levando tudo isso em consideração, eu também espero que esse artigo possa nos ajudar a refletir mais concretamente sobre como nós, como um movimento, definimos e moldamos nossas tradições e influências.

#### **Notas:**

1. Embora “inserção social” seja um termo que aparece constantemente nos textos de organizações inspiradas pelo especificismo, companheiros meus têm problema com ele. Portanto, antes de abraçarmos algo sem questionamento, talvez devesse haver uma discussão sobre esse termo.

2. Eduardo, então Secretário de Relações Externas da FAG. “Saudações Libertárias dos E.U.A.” E-mail a Pedro Ribeiro. 25 de Jun de 2004.

#### **Bibliografia:**

En La Calle (texto anônimo). “La Necesidad de un Proyecto Próprio: acerca de la importancia del programa en la organizacion politica libertaria”, *En La Calle*, publicado pela OSL Argentina (Organización Socialista Libertaria) Jun 2001. 22 Dez 2005.

Featherstone, Liza, Doug Henwood e Christian Parenti. “Left-Wing Anti-intellectualism and its discontents”, *Lip Magazine*, 11 Nov 2004. 22 Dez 2005.

Guillamon, Agustin. *The Friends of Durruti Group: 1937-1939*. San Francisco: AK Press, 1996.

Krebs, Edward S. *Shifu, the Soul of Chinese Anarchism*. Landham, MD: Rowman & Littlefield, 1998.

Northeastern Anarchist. *The Global Influence of Platformism Today by The Federation of Northeastern Anarchist Communists* (Johannesburg, South Africa: Zabalaza Books, 2003), 24. “Entrevista com a Federazione dei Comunisti Anarchici (FdCA) italiana”.

Skirda, Alexandre. *Facing the Enemy: A History of Anarchist Organization from Proudhon to May 1968*. Oakland, CA: AK Press 2002.

\* Adam Weaver é um anarco-comunista de San Jose, CA.

**Tradução: Pedro Ribeiro**

**Revisão: Felipe Corrêa (Nov. 2009)**